

 Obra completa de Teixeira de Queiroz  
*Comédia do Campo*

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



Teixeira de Queiroz (1848-1919), que chegou a utilizar o pseudónimo Bento Moreno, foi autor de duas séries de romances que fixaram a experiência portuguesa do final do século XIX e início do século XX: a *Comédia do Campo* e a *Comédia Burguesa*. Na primeira, encontram-se títulos como *Cenas do Minho* (1876), *Amor Divino (Estudo Patológico duma Santa)* (1877), *António Fogueira* (1882), *Novos Contos* (1887), *Amores, Amores...* (*Psicose do Amor*) (1897), *A Nossa Gente* (1899), *A Cantadeira* (1913) e *Ao Sol e à Chuva* (1916). A segunda inclui *Os Noivos* (1879), *O Salústio Nogueira: Estudo de Política Contemporânea* (1883), *D. Agostinho* (1894), *Morte de D. Agostinho* (1895), *O Famoso Galvão* (1898), *A Caridade em Lisboa* (1901), *Cartas de Amor* (1906) e *A Grande Quimera* (1919). Algumas destas obras foram objeto de reescrita, notando-se alterações de título (*Cenas do Minho* passa a *Os Meus Primeiros Contos*) e de sentido (*Amor Divino* perde o tom anti-clerical). Há ainda a assinalar uma peça de teatro (*O Grande Homem*, 1881), ensaios (*As Minhas Opiniões: Estudos Psicológicos e Sociais*, 1896), textos sobre vultos da cultura oitocentista (Maria Amália Vaz de Carvalho, Gonçalves Crespo, Alexandre Herculano, Sousa Martins, Conde de Monsaraz, João Penha e A. A. Teixeira de Vasconcelos, entre outros) e colaboração na imprensa.

Manuel Curado é professor de Filosofia na Universidade do Minho, nomeadamente nas áreas de Filosofia Antiga e Filosofia em Portugal. É ainda Auditor de Defesa Nacional e realizou o Curso de Alta Direção para a Administração Pública. É doutor *sobresaliente cum laude* pela Universidade de Salamanca, tendo obtido anteriormente o grau de mestre em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa. Proferiu conferências em muitos países, da Rússia ao Brasil, e foi professor Erasmus em Itália.

Ana Lúcia Curado é professora de Estudos Clássicos na Universidade do Minho. Formou-se e doutorou-se na Universidade de Coimbra. Dedicou-se aos estudos de oratória antiga, do feminino na Antiguidade, de teatro clássico e da receção dos autores e temas clássicos na literatura portuguesa. É também tradutora de textos clássicos.

Patrícia Gomes Leal formou-se em Línguas e Literaturas Europeias e é mestre em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas pela Universidade do Minho. É doutoranda em Estudos Globais, na Universidade Aberta, investigando a obra de Teixeira de Queiroz. É bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

⌘ Obra completa de Teixeira de Queiroz  
*Comédia do Campo*

Volume I  
Tomo I

Coordenação e introdução  
Manuel Curado

Estabelecimento do texto  
Ana Lúcia Curado

Revisão textual  
Patrícia Gomes Leal

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[prelo.incm.pt](mailto:prelo.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor  
©Manuel Curado, Ana Lúcia Curado e Patrícia Gomes Leal  
©2020, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.



Conceção gráfica  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Revisão

Nuno Quintas

Paginação

Ana Seromenho

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre  
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: março de 2020  
ISBN: 978-972-27-2820-1  
Depósito legal: 465 293/19  
Edição n.º 1023814



Imagem da contracapa: Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado  
*Retrato de Teixeira de Queiroz* (1914), de Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929)  
Fotografia de Luísa Oliveira (2010)  
Direção-Geral do Património Cultural/Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF)

## INTRODUÇÃO GERAL

### Romance e Pensamento em Teixeira de Queiroz

#### UMA VIDA TRANSPARENTE

Duas datas precisas. Estas: 1848 e 1919. A unir ambas, uma vida humana, um destino literário. Tentando vencer o tempo, tudo parece transparente. Vivendo numa época em que a palavra escrita teve um papel determinante nas sociedades ocidentais, há um rasto documental a acompanhar Teixeira de Queiroz. Guardaram-se os papéis do seu nascimento nos Arcos de Valdevez, da passagem pelo liceu em Braga, da formação médica em Coimbra, da atividade profissional ligada à gestão de empresas, dos cargos públicos que assumiu de vereador, de deputado, de sócio e de presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Muitas centenas de cartas registam o mundo das suas relações pessoais. Os manuscritos dos romances que escreveu são acompanhados por informação rigorosa da data e da hora em que a redação se iniciou e concluiu. O manuscrito do seu último grande romance, *A Grande Quimera*, à guarda da Academia das Ciências, fixa todos os passos do processo de escrita. Há uma primeira ideia, há uma segunda formulação do plano e há a redação definitiva. Numa caligrafia elegante, diz-se, por exemplo, que «a 1.ª redação do plano foi terminada em Cortinhas em 5 de setembro de 1916, às 11 horas da manhã». Não fica esquecido que o próprio plano começou num momento determinado e que, depois dele, se iniciou o trabalho de redação final, o enigmático combate que cada escritor trava consigo mesmo para dar forma às intuições e ideias: «Segunda-feira,

## A RAZÃO DA MINHA OBRA

Foi há bem mais de trinta anos, vai quase em quarenta, que o primeiro volume da *Comédia do Campo*, que ora se reimprime, apareceu sob os auspícios de Camilo Castelo Branco, que, com a sua generosa bondade de grande escritor, me incitou à sua publicação, arranjando-me editor. Como isto vai longe, como eu sou velho e como os meus livros se vendem pouco! Pelo recuo da era, esse passado risonho aparece a meus olhos cansados de ver, num esfumado de vida extinta... Voltando a recordá-lo, é como se reentrasse numa grande jornada, onde muito visse, muito aprendesse e muito esquecesse. As lembranças vêm como sombras amigas evocadas pela saudade e causam-nos prazer doloroso e, ao mesmo tempo, suavíssimo.

O liberto Terêncio costumava, em diálogos cintilantes, no começo das suas comédias, criticar os assuntos antes de os expor. Em tempos mais nossos, o *prólogo* serviu para explicar o que, na obra, se pudesse considerar obscuro. Estas páginas, para mim, servem antes para marcar o caminho que percorri e os companheiros com quem o andei. Quando eu era muito criança e vivia ignorado de mim mesmo, por entre estas árvores queridas, que daqui vejo, adormecendo e sonhando à sua carinhosa sombra, já ideava romances, que nunca pude escrever. Oh! Se hoje, encanecido pelos anos e pela dura experiência, pudesse fazer reviver na minha mente esses sonhos... que belos seriam eles? Talvez encontrasse, aí, a obra-prima que nunca pude realizar e essas poucas linhas valeriam mais do que todos os meus volumes. Mais tarde, quando pela leitura fui vendo, em ambiciosas

páginas, a experiência intelectual dos outros, o meu pobre coração e o meu pobre cérebro foram-se entenebrecendo com embaraçadas aspirações, que apagaram, de vez, a formosa centelha infantil. A quem não terá acontecido o que a mim me aconteceu? O homem não é só um criador de ideias; mas também de desejos. Talvez que os animais sejam de muito maior potência inventiva. Não podem realizar o que pensam e sentem, como nós, almas complexas; mas a maravilha e a arte dos ninhos dos pássaros e seus cantos, o trabalho das abelhas para criarem o mel e os seus favos, o cuidado da loba para acautelar a vida e o bem-estar dos seus filhos, e muitos outros factos denunciadores do sentir e do idear dos animais... alguma coisa nos dizem dessas almas elementares.

Só os grandes místicos, imensos e incomparáveis poetas, que filtraram a ideia mais nobre de todas que tem aparecido no cérebro humano, a ideia pura de Deus absoluto, é que, na sua isenção e desprezo das conquistas materiais, se lhes podem comparar. Entre todos estes, o maior, o *poverello* de Assis, levou ao extremo das aves mais rudes e sofredoras a abominação do engrandecimento e cómodo terreno; e, para em tudo ser desvalido, no seu orgulho de humilde, até da ignorância da ciência humana fez nimbo. A alma purificada pela renúncia completa de gozos, pela prática do amor divino na prece, deu-lhes o estado deleitoso do êxtase, em que a alma é só luz. Nem Santa Teresa, a mística adorável, pôde definir os seus prazeres ideais de quando vivia no seio de Jesus! A nossa linguagem é grosseira e imperfeita para exprimir tão subtil imaginar. O estado do homem vulgar, que mais se aproxima dos animais e dos místicos na sua idealização, é o da criança, que não sabe escrever as suas quimeras.

A minha prática foi difícil e recôndita; mas a imitação, que é a escola da invenção, foi-me ajudando. Não me é possível assinalar quem foram os meus primeiros mestres; mas presumo que seriam essas pessoas ignorantes, que me contaram contos, cuja reminiscência ainda hoje me encanta e muito deles tenho aproveitado. Mas poder-se-á assinalar o momento exato em que começa a gênese duma criação artística? É como o germinar do óvulo ou da semente: por mais que o microscópio recue o ponto inicial da vida nascente, o observador reconhece sempre que alguns fenómenos se produziram, dos quais não lhe foi dado averiguar. O mesmo se passa na nossa alma: quando a consciência aparelhada pela experiência e pelo estudo nos dá o rebote da imaginação em trabalho fecundante, já se têm verificado fenómenos que não podemos testemunhar. Será esse, porventura,

## VINGANÇA DO MORTO



## I

A chegada de muitas pessoas, modestamente vestidas de preto e conversando com sisudez; o semblante ocupado e choroso dos criados; o crepe encobrendo a pedra de armas; o marulhar das vozes dos pobres que esperavam a distribuição da esmola... definiam o momentoso acontecimento.

A morte do *senhor fidalgo*, velho general, que se tinha reformado com a sua gota, depois de terminada a carreira militar, que principiara contra os franceses, é que assim punha em desusado movimento o sossegado palácio, denegrado pelo tempo.

A parentela, as amizades e as dependências congregavam-se no simpático pensamento de prestar as últimas homenagens ao que se ausentava. Este generoso impulso de respeito estendia-se a léguas em torno, trazendo ali muita gente.

As flores da primavera matizavam a encosta, abrindo-se beneficiadas pelo calor. Um belo sol de abril dava pomposo luzimento à festa mortuária. Os tortuosos caminhos pareciam ter movimentos coleantes de serpente, de animados que estavam com os magotes de povo e cavaleiros que se dirigiam primeiro ao palácio, depois à igreja.

Porém, o quadro mais de se ver era o dos pobres, esperando no portal. Diversos nos trajas, nas conversas, nas vozes, nas aspirações, nos apetites, eram-no, quanto o podem ser indivíduos tão apertadamente unidos, vivendo

das mesmas comoções. Conservavam a feição conhecida, a linha tradicional do pedinte, que se usa no teatro para se disfarçar gentil namorado; no Entrudo, para libertar o gracejo incaracterístico; nos painéis das igrejas, quando se figura *Nossa Senhora Aparecida*, os traços do pedinte adorado pela arte desde Callot a Raffet, que tem longa capa de remendos, tosco sapato cosido a cordel, um pedaço azul no joelho, um lenço sujo cobrindo-lhe a cabeça e o simples bordão de carvalho, o pedinte que, se é velho, tem barba esquelética, andar trôpego e voz lamentosa.

Expunham, com petulância, os seus vestuários andrajosos e os corpos dum escuro pergaminhado. Desleixados e preguiçosos, revelavam, nas atitudes indiferentes, a indolência dos desejos. Nas perguntas e respostas frívolas mostravam descaro, inveja e manha:

— Que rico jumento armastes! Quanto custou? — inquiriam dum coxo.

— Anda caro... por moeda e meia.

— Isso é que é riqueza! E vens tirar a esmola à gente que precisa!

O arguido justificava-se:

— Eu sou um aleijadinho, que não tenho pernas. Tu é que podias puxar por esses braços — dizia para o que falara, que era doente dos olhos.

— Há coisa pior que a cegueira? A vista dos olhos é a maior riqueza deste mundo. Um homem sem olhos não é nada.

— E que me dirás a um bicho na cara? — vem outro levantando um pano e mostrando a larga úlcera. — Eu mereço mais compaixão do que vós.

Uma viúva alegava:

— Aquela a quem morreu o home deixando-lhe três criancinhas não merecerá dó e compaixão de todo o mundo? — criancinhas, que, nesse momento, ali brincavam, em grande despreocupação, com outras da mesma igualha.

— Se não fosse a caridade, não sei o que havia de ser da gente. Morria-se prá'í de fome — afirmava com voz imponente um robusto mocetão, mostrando o tumor de um ombro descamisado.

Noutro círculo descosiam-se em cálculos de ganhos. Agora, o que dá mais algum vintém são as feiras. Na última ainda armei uns doze malucos.

— Arrreee... burro, que é felicidade! Doze malucos é um pinto. Eu, por mais que berreguei, não colhi mais de nove vinténs e meio, e uma sacola de pão, que vendi por dez réis para os porcos.

— Também tu não tens a desgraça à vista como eu — jactava-se o primeiro. Cego não tem comparação com andar de rastos. Isto sempre mete mais pena!

Ali perto considerava outro:

— A mim, o que me tem valido é estarem lá na freguesia os missionários. Rapo às vezes cada frio de manhã à porta da igreja!... Mas, cantando-se bem, rezando a gente uma boa ladainha, os que vêm de ouvir aqueles santos sempre deixam.

— Isso! À porta de uma igreja é muito bom! Também se a caridade se não encontrasse nesses lugares!...

Um amputado que usava de muletas teve esta opinião:

— Gosto mais de romarias. Quem vai à festa sempre leva que dar. Ainda na do *Socorro*, eu comi cabrito e bebi vinho até lhe chegar com o dedo. Aquilo é que foi! Dei lá com uns amigalhões tocados, e para se ter bom coração, não há como uma pinga de mais. Um greiro na asa sempre é melhor que quantas missões há, ficai certos disso.

— Pudera! É grande pecado deixar ir um pobre sem esmola, quando se está a comer! — ponderou muito séria uma pedinte velha.

— Isso sei eu! — conveio o amputado, todo galhofa. — Por isso, eu peço sempre à hora de jantar.

— Não vou para aí — retorquiu um que fingia de cego. — O mais que se arranja, nessas ocasiões, é algum pedaço de pão. Dinheiro, nem um chavo.

Um velhito mirrado entendeu, com um franzir de beiços de conformidade:

— Eu, tendo pão, e um rabo de sardinha ou racha de bacalhau, não preciso mais.

O precedente era mais ambicioso:

— Cá eu não! A gente sempre tem suas aquelas pra gastar dinheiro.

E deu uma reviravolta sobre o calcanhar direito.

— Cala-te, home! — observa a velha pedinte, cautelosa. — Podem-te ouvir os criados e é mau pra ti e pròs outros.

— Não tenha medo. Aquele é o Zé, que já andou nesta vida. Ainda há pouco me disse que não está contente com servir. Há muita prisão. Eu bem o sei, que fui disto.

Um velho cego, de longa barba, indagou, levantando a cara para o Sol:

— E quanto será hoje a esmola?

— Menos de um pão branco e um pataco, não pode ser — julga-o pouco ambicioso.

— Só por isso, não vinha perder um dia e andar uma légua. Arranjava mais pelas portas — redarguiu o do jumento, que se aproximara.

— Diz que também dão castanhas.

— Se não me derem o tostão, não rezo nem um padre-nosso — insiste o precedente com rosto de enérgica desforra.

— Mas o fidalgo deixou dinheiro pròs pobres! — recorda o mocetão do tumor no ombro, suspeitando-se logrado.

— Isso é cá prà freguesia — confirma um dos contemplados. — É uma camisa de estopa, umas calças e um pinto para os homes. Para as mulheres, uma saia em lugar de calças. Mas é só pra nós, diz o senhor cura.

— Olhem os diabos dos lambões, como eles abicham! — exclama o que padecia da vista.

E, como neste momento chegassem muitas pessoas para dar os pêsames, o dos olhos estoirados, que era o que melhor apregoava, levantou o clamor que todos seguiram com vozes diferentes e cheias de necessidade:

— Ó pais e mães da caridade! Olhai esta desgraça! — etc.



Vieram três criados a distribuir as esmolas. Este dava o molete a cada pobre; outro, o copo de vinho; o terceiro distribuía o pataco.

Com medo que faltasse para os últimos, todos queriam ser primeiro atendidos. Mostravam as lesões, os padecimentos, os motivos para requerer. Cada um devia preterir aquele que acidentalmente lhe ficara ao lado: era mais aleijadinho ou mais cego. Diziam-no com voz lacrimosa, estendendo os braços magros e sujos. Um, mais ladino, tentou iludir os criados: pedia do meio da turba, com as duas mãos ao mesmo tempo, querendo fingir que pertenciam a diversos indivíduos. Outro projetou receber duas vezes: aproveitaria a confusão, o borbórinho, e, depois de receber a primeira, iria, pelo outro lado, pedir nova esmola com voz mais fina.

Porém, os criados conheciam-lhes as manhas. Distribuíram-nos em duas filas: a um lado ficavam já os satisfeitos, a outro os que o deviam ser. Primeiro deram o pão, depois o vinho. Por último, distribuíram o dinheiro.

Os pedintes acharam pouco. Pelos caminhos fora, ao retirarem-se, protestavam não rezar sequer um padre-nosso. Rogavam pragas cheias de indecência, encomendavam o morto ao Diabo. Alguns queriam mostrar-se engraçados: faziam visagens, atiravam com o dinheiro ao ar; voltando-se para o palácio, fingiam olhar através da opacidade do pataco como se fora uma luneta; servindo-se dos próprios aleijões, expunham-nos de modo

grotesco, com o fim de provocar o riso dos companheiros. Este, a quem haviam cortado a mão direita, ou aquele, a quem faltava uma perna e se ajudava de muletas para andar, faziam gestos e davam saltos apalhaçados, como os de David Gellatley.

## II

Os da freguesia, por gratidão, e alguns dos outros, por curiosidade, foram borriifar de água benta o defunto. Ficaram pasmados! Nunca tinham visto coisa assim!

Era na igreja. Iam-se principiari os ofícios e havia grande movimento de padres. Alguns, muito gordos, apareciam ofegantes e suados. Tinham desmontado das suas cavalgaduras junto das escadas do adro e recebido da mão do criado a sobrepeliz, embrulhada num lenço de ramagens. O rapaz, com o seu pau às costas, seguira a égua, que se adiantava num chouto insofrível. O clérigo, com a batina enrolada na cintura, deixando ver o paninho escarlate do forro, assentava-se no selim, com o sossego inquebrantável do homem que tem um destino, doze vinténs por cantar nos ofícios, e duas velas de seis.

No templo, o cenário era pomposo! Tinham vindo armadores de fora. O enterro seria no outro dia, por causa de umas missas de corpo presente, que ainda tinham de se celebrar e rendiam um pinto. Estava tudo de preto, guarnecido a galões brancos e amarelos, numa severa melancolia. O cadáver, porém, estendia-se no comprimento de um simples esquite, porque assim o testara o fidalgo. Este facto e o de deixar por sua alma somente vinte missas eram comentados de um modo desfavorável para o defunto. Censuravam-no por não considerar em mais a pátria celestial. Isso da gente se desprezar na morte é sinal de irreligiosidade. A maioria dos clérigos era deste pensar:

— Esta corja de militares, meus amigos — dizia um em conversação particular —, nunca foram de boa cristandade. São homens de má vida, e quem teve má vida não pode ter boa morte.

Assim o pronunciava severamente.

O morto parecia consciente destas opiniões: tinha o semblante preocupado. Usava um farto bigode branco, rareava-lhe o cabelo, as pálpebras estavam discretamente cerradas. Salientes rugas lhe animavam o rosto.

As que rasgavam a testa de lado a lado, profundas, carregadas e tristes, serviam para definir a coragem indomável e a energia conscienciosa que em vida o caracterizaram. Os braços perfilavam-se a par do tronco, e a mão esquerda caía sobre os copos da espada. Logo se via que estes copos eram de verdadeiro ouro e cravejados de pedrarias. Representavam uma grande riqueza e uma grande glória, pois que recebera a espada, no próprio campo da batalha, como prémio de um valoroso feito de armas. Na mão direita, tinha o emplumado chapéu de dois bicos. Os bordados que lhe agaloavam a farda eram todos de ouro. Tudo muito rico!

As mulheres aproximavam-se para examinarem miudamente. Nunca o tinham visto em tal distinção! Aquele corpo, que em breve saciaria a gula-dice dos vermes, tomava aspeto grandioso e brilhante! Muitos, cobiçando-lhe a posição excecional, desejavam ir para a cova assim ricamente vestidos.

— Olha que deve ter custado um bom par de moedas! — avaliava um dos pedintes.

— Só a gola tem mais riqueza que toda esta igreja — entendeu a velha tonta.

— Porque será que os santos não andam vestidos desta moda?

— É verdade! Ao menos o senhor São Sebastião podia ter farda, porque o pregador disse que ele andou na guerra — definiu a viúva, mãe dos três filhos.

— Olha. Aqueles galões serviam mas era para bordar um manto a Nossa Senhora.

Os homens manifestavam ambições mais mundanas, restritas e pessoais:

— Quem me dera aquela espada! Deve valer uma continha.

— Se eu a tivesse, nunca mais andava a pedir.

— Ih! Tinhas para te vestir toda a vida do melhor, dos pés à cabeça. Podias até comprar bons campos.

— E aquilo irá para baixo da terra para ser estragado pelos bichos?

— Eu não sei... — retorquiu outro suspendendo o pensamento, como quem suspende um balde, a meio dum fundo poço.

Os que assim ficavam preocupados com a espada, que valia uma grande riqueza, eram dois pedintes, que tinham sido pedreiros. Um padecia do fígado, mas era robusto. O outro tinha uma anquilose no cotovelo direito, a impossibilidade dos movimentos desta articulação.

Ficaram, depois disto, numa mudez turva. Sentiam-se atados um ao outro por um ténue fio, que não desejavam quebrar. Eram dois homens que

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL: ROMANCE E PENSAMENTO EM TEIXEIRA DE QUEIROZ .....	5
UMA VIDA TRANSPARENTE .....	5
O IDEAL DO ROMANCE CRÍTICO .....	19
UM SÉRIO PENSADOR .....	28
REFERÊNCIAS .....	42
INTRODUÇÃO À <i>COMÉDIA DO CAMPO</i> : TERRA, VIDA E SABEDORIA EM TEIXEIRA DE QUEIROZ .....	47
UM CAMPO PARA INVESTIGADORES DE ALMAS .....	47
CAPÍTULOS DA HISTÓRIA DO CORAÇÃO HUMANO .....	54
ASPETOS TRANSVERSAIS .....	64
REFERÊNCIAS .....	78
CRITÉRIOS DE FIXAÇÃO DO TEXTO .....	81

### *COMÉDIA DO CAMPO*

OS MEUS PRIMEIROS CONTOS .....	93
A RAZÃO DA MINHA OBRA .....	97
HISTÓRIA VULGAR .....	103
VINGANÇA DO MORTO .....	131

○ BRINCO DE ERMELINDA .....	147
A COBRA .....	165
○ CRIADO DO CURA .....	179
○ TIO AGRELA .....	205
○ RAMO DE OLIVEIRA .....	217
○ CANTO DO GALO .....	241
○ CASO DE MANUEL DO EIDO .....	259
AMOR DIVINO (ESTUDO PATOLÓGICO DUMA SANTA) .....	281
EXPLICANDO... .....	283
I .....	289
II .....	295
III .....	305
IV .....	317
V .....	325
VI .....	335
VII .....	343
VIII .....	351
IX .....	363
X .....	375
XI .....	389
XII .....	397
XIII .....	405
XIV .....	415
XV .....	427
XVI .....	435
XVII .....	445
XVIII .....	455
ANTÓNIO FOGUEIRA .....	465
ANTÓNIO FOGUEIRA .....	467
A MORTE NEGRA .....	535
○ ENTERRO DE UM CÃO .....	549
○ EMBARCADIÇO .....	567
○ REI ABSOLUTO .....	579



NOVOS CONTOS .....	589
A MINHA MORTE .....	591
NOSSO SENHOR JESUS CRISTO .....	601
O CEGO DE GUARDIÃO .....	611
A VELHICE DUM REI .....	625
A MULHER DE LUCAS .....	637
DOIS CATURRAS .....	649
A POSTURA DOS OVOS .....	661
RENDE-TE, CENTURIÃO! .....	669
A TRUTA GRANDE .....	687
UM CORVO E UM PAPAGAIO .....	703
A VISTA DO SALGUEIRO .....	709

Vol. I

*Comédia do Campo*, 2 tomos

Outros volumes

Vol. II

*Comédia Burguesa*

Vol. III

*Ensaio, Teatro e Dispersos*

A *Comédia do Campo* é um conjunto de narrativas que realizam o projeto de romance crítico de Teixeira de Queiroz. Há páginas dedicadas à vida quotidiana, há histórias de amores felizes e infelizes, e há estudos sobre práticas religiosas extremas. Algumas das páginas mais eloquentes da literatura portuguesa sobre animais encontram-se em contos como «O Enterro de Um Cão» e «Batalha da Vida». Discerne-se também o gosto do escritor pelos muitos rostos da velha sabedoria europeia, nomeadamente na denúncia do dinheiro e suas ilusões, na verificação da fragilidade do poder político, na reflexão sobre o modo de enfrentar as adversidades da vida e na procura do discernimento sábio. A experiência de situações-limite não é esquecida, como a doença, a loucura e a morte; a dedicação apaixonada à música; os ódios humanos e a externalização desses ódios sob a forma de demónios; o azar e as calamidades naturais; a vida aventureira na estrada; o despojamento total e as duras exigências da solidão. A prosa culta do autor irmana todos estes temas, contextualizando-os em algumas das mais belas representações das paisagens do território português.



ISBN 978-972-27-2820-1



9 789722 728201